

ALUNOS DA TERCEIRA IDADE: CONHECIMENTO SOBRE ARTE A PARTIR DO LUGAR DE VIVÊNCIA

Aline Tortora De Oliveira¹
Lirane Elize Defante Ferreto²

RESUMO

O artigo tem como centralidade discutir as relações entre a Arte nos espaços não formais de educação (museus, praças, igrejas, entre outros) e as vivências pessoais somadas ao aprendizado escolar formal, buscando compreender a importância de estudar a arte enquanto disciplina escolar para interpretar aquilo que o lugar em que vivemos ou visitamos nos apresenta. Estabelecemos como questão problemática o questionamento: os conhecimentos aprendidos na escola, ajudam a reconhecer os tipos de arte presente nos espaços que frequentamos? Para metodologia, faremos revisão bibliográfica, ancorada na pesquisa etnográfica, vivências de vida e Pesquisa de Campo desenvolvida na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, com uma turma do Projeto de extensão – Universidade Aberta para a Terceira Idade – UNATI, com o curso denominado Ciências do Envelhecimento Humano. Para suporte metodológico contamos com os autores Bauman, Buoro, Cava, Gohn, dentre outros que ajudaram nas discussões. Vale salientar, que o aprendizado sobre arte, seja no espaço formal, não formal ou informal, possibilita vermos o mundo e seus períodos com um olhar crítico, capaz de compreender as transformações e limitações, assegurando as afirmações identitárias que fazemos no decorrer da vida a partir dos lugares que visitamos e do que aprendemos a partir dele.

Palavras-chave: Arte, UNATI, Identidade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi elaborado a partir das experiências pessoais e profissionais das autoras, cuja intenção é mostrar que a arte constrói nossa identidade no decorrer da nossa caminhada acadêmica, demonstrando a importância de estudarmos arte nos espaços formais e não formais de educação, para que possamos utilizar estes conhecimentos quando estamos diante de uma escultura, peça teatral, apresentação musical, praça, igreja, monumento histórico ou museu, seja na cidade onde moramos ou em um lugar onde visitamos.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Mestra em Educação, graduada em Pedagogia e Artes Visuais, alinetortoradeoliveira@hotmail.com;

² Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas. Professora associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, coordenadora do projeto Universidade Aberta para a Terceira Idade – UNATI, lferreto@gmail.com;

Sabemos que existem vários tipos de arte, estilos e gostos, mas aqui neste artigo, utilizamos a discussão voltada para as Artes Visuais por três motivos, sendo o primeiro devido a formação acadêmica da autora, o segundo pelas experiências enquanto alunas do ensino fundamental e médio, onde as aulas de arte eram voltadas para as artes visuais e o terceiro pelas aulas ministradas no projeto de extensão Universidade Aberta para a Terceira Idade – UNATI.

Durante a trajetória escolar, estudamos sobre a Arte e suas manifestações no decorrer da história da humanidade. Consideramos este aprendizado importante para que possamos ao menos saber que certas coisas existiram, existem e tem uma história. Diante disso, lembramos das aulas de arte e das atividades de pontilhismo, releitura da obra Monalisa, esculturas feitas com papel alumínio, dentre tantas outras atividades. No entanto, sempre tivemos o interesse de saber mais sobre as obras, seus artistas e o contexto histórico em que foram elaboradas, saber se elas realmente existiam, onde estavam, ou se estavam apenas nos livros.

De acordo as experiências da autora, para sanar as curiosidades foi necessário buscar mais conhecimento, então durante a graduação em Artes Visuais, realizamos algumas viagens que possibilitaram um aprendizado ainda maior. Participamos de algumas palestras, com profissionais destaques na arte, a exemplo da Ana Mae Barbosa e também algumas viagens, dentre elas a Bienal em Porto Alegre – RS, Minas Gerais – conhecendo vários lugares, cidades históricas e museu a céu aberto, Olinda – PE, e alguns países europeus como a França, Suíça e Itália. Desta maneira, foi possível coligar a teoria e a prática, e estar nestes lugares, foi importante para lembrar que tudo aquilo que estudamos em arte no ensino fundamental e ensino médio, ou vimos nas mídias, existia de verdade e conseguimos ver com os nossos olhos.

Então, tivemos a certeza, queremos que nossos alunos possam conhecer o mundo através das aulas de arte. Para o artigo escolhemos coligar questões de vida ao processo científico, trazendo luz aos conceitos de arte formal, não formal e informal.

Temos intenção de relacionar estes conhecimentos, entendendo estas definições a partir de Gohn (2010), que apresenta a educação formal, sendo aquela desenvolvida na escola com os conteúdos determinados; a educação não formal, sendo aquela que se aprende no “mundo da vida” via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas; e a educação informal como aquela na qual os indivíduos aprendem durante o seu processo de socialização gerada

nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube etc.).

Durante as aulas de arte no espaço formal, a grade curricular e professores são responsáveis por transmitir e oportunizar aos alunos saberes sobre a arte e suas linguagens artísticas: teatro, arquitetura, dança, música, teatro, artes plásticas, entre outras. Assim, conhecer essas linguagens possibilitará aos alunos, compreender o meio em que está inserido de maneira crítica e reflexiva.

Desta maneira, entendemos que todos as pessoas que frequentaram o ensino fundamental e ensino médio, tiveram contato com a arte ensinada no espaço formal, além daquelas apreendidas no espaço não formal e informal, mas que também contribuem para a construção do olhar artístico.

Por muitos anos realizamos cópias das obras de arte, achando que estava fazendo releitura, olhava objetos da arte sem saber apreciá-los como deveria, gostávamos de colorir, sem saber que existiram pintores que fizeram obras que permanecem até hoje como guardiãs do passado, então a indagação, mas para que serve a arte? Afinal, porque aprender arte na escola? Aprendemos sobre a Monalisa, Leonardo da Vinci, mas não sabemos interpretar as artes locais e muito menos sabemos quem são os artistas da cidade onde moramos. Destes questionamentos adveio a necessidade de conhecer o lugar para compreender o mundo, sendo possível aplicar tais atividades em um projeto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

A autora participou então, como professora voluntária do projeto de extensão Universidade Aberta para a Terceira Idade – UNATI, com o curso denominado Ciências do Envelhecimento Humano, ministrando aulas de arte. A turma era composta por 17 alunos com mais de 50 anos, pessoas estas já aposentadas, com grau de ensino que variava entre ensino fundamental séries finais e ensino superior.

Destacamos que o nome e o público do projeto, menciona sobre Terceira Idade e de acordo com a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, tem o Art. 1º que o estatuto é “destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”. Assim, toda pessoa nessa faixa etária ou acima dela, será considerada idosa e “poderá desfrutar de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana”. O projeto permite a participação de pessoas com menos de 60 anos, mas o intuito é demonstrar que nesta idade é possível

ser ativo, aproveitar as oportunidades, criar novos hábitos e realizar atividades que fortaleçam os vínculos e vivências.

Estes 17 alunos estavam novamente em uma sala de aula, com o propósito de obter novos conhecimentos e fazer novas amizades. E assim, a disciplina de arte tinha por objetivo compartilhar conhecimentos, histórias de vida, conhecer os lugares locais e permitir que cada aluno trouxesse o relato, imagens e objetos sobre um ou mais lugares visitados e o que viram e que poderia ser considerado arte. Com esta experiência compreendemos que nunca é cedo ou tarde para aprender, sempre somos aprendizes, e ao ensinar aprendemos muito também.

No primeiro momento apresentamos a eles os períodos da história da Arte, suas obras e artistas que historicamente se tem registro, mas trouxemos os questionamentos sobre aqueles que tiveram seus nomes sempre negados da história oficial mostrada nos livros. Por exemplo as histórias das grandes construções que hoje são patrimônio cultural, foram feitas por quem? Como eram feitas? Faziam porque gostavam de carregar pedras e esculpir mármore e madeiras? Após algumas aulas mostrando os períodos e os feitos, chegamos à atualidade, o que temos de arte em nosso município? Vocês conhecem algum ateliê ou artista local?

O aprendizado pode ocorrer para além da sala de aula, então realizamos algumas atividades de campo, sendo estas: visita em dois ateliês, com demonstração de pintura acrílica e a óleo sobre tela; aula dialogada na praça central, com ênfase nas artes que estão naquele lugar; museu da colonização de Francisco Beltrão – PR e visita na igreja que é patrimônio cultural do município, contanto sempre com as narrativas dos alunos sobre o que eles sabiam sobre a história dos lugares visitados e com nossa orientação fizemos os questionamentos e contribuições históricas.

Neste processo tive a honra de ouvir de uma aluna, com experiência de vida, que já viajou por vários lugares do mundo a seguinte afirmação:

Professora, com a sua disciplina eu aprendi a olhar os lugares com outros olhos, agora atentos aos detalhes, questionamentos e ensinamentos que trazem. Eu aprendi sobre a história dos lugares que eu visitei, se eu fosse novamente não seria a mesma coisa, agora eles teriam significado, pois eu olhava para as igrejas, estátuas, palácios e

monumentos sem entender o contexto e sua importância (Aluna A, UNATI, Diário de Campo 2019).³

Com este relato, sentimos o quanto é bom ser aquela professora que ficará para sempre na memória de quem aprendeu e sabe utilizar a arte para interpretar a realidade. A arte está na nossa vida, mas aprender sobre arte e fazer destes conhecimentos escolares um aprendizado para vida, é de fato o que torna importante. Desta maneira, a seguir discutiremos sobre a arte e sua influência na construção da identidade.

ARTE E A IDENTIDADE LOCAL

A arte se fez presente desde os primórdios da história, ela era essencial para a sobrevivência humana, as pinturas nas paredes das cavernas, muitas vezes estavam ligados aos sentimentos e significados das vivências. Na atualidade, ela está nas paredes das casas, igrejas, espaços públicos e servem principalmente para coligar as pessoas com o mundo, tornando as pessoas, em um ser crítico e capaz de transformar a sociedade.

Conhecer a cultura e a identidade de cada lugar, o patrimônio cultural e imaterial destes locais, e saber que tudo aquilo que estudamos existe, é importante. Em todos os lugares com os quais temos contato, a arte está presente, ela está em nosso cotidiano e podemos admirá-la através de uma música, pintura, escultura, tatuagem, outdoor, arquitetura, praças e igrejas ou até mesmo em uma fotografia.

Compreender ou definir o significado de arte é difícil, pois vários termos e técnicas foram criadas no decorrer dos períodos históricos, exigindo assim, estudos aprofundados para caracterizá-la. Então, contamos com a ajuda de alguns autores.

Ao tentar definir, Cava (2015, p. 49), menciona: “arte, uma palavra pequena, com relação a quantidade de letras, porém intensa, que mexe com emoções e sentimentos, comunica, provoca, encanta e ultrapassa as barreiras do tempo, da distância e da cultura”. Assim, buscamos aproximação com o conceito de arte, como algo que desperta emoções e possibilita compreender sua significação para a cultura e sociedade de cada período.

³ Por se tratar de uma anotação de Diário de Campo, não divulgaremos nome, ou informação que possa identificar a narrativa da aluna.

A arte busca despertar no ser humano a criatividade e liberdade para criar e recriar, propiciando uma leitura do mundo. Para Cava (2015, p. 51), a arte “[...] nos faz compreender de forma mais crítica, sensível e aguçada, as cores, as formas, as texturas, outras culturas, a natureza, os objetos e os fatos, as pessoas, o mundo e a nós mesmos”. A arte faz parte do nosso cotidiano, algumas pessoas vivem dela, outros apenas apreciam, enquanto outras criticam e menosprezam, porém ela é responsável por proporcionar a liberdade de expressão e permitir que transforme a maneira de pensar e ver o mundo.

Para Cava,

[...] a arte apresenta relações com a cultura por meio das manifestações expressas em bens materiais (bens físicos como: pintura, escultura, desenhos, dentre outros) e bens imateriais (práticas culturais coletivas como: música, teatro, dança etc.). Olhando a arte por uma perspectiva antropológica, é possível considerar que toda produção artística e cultural é um modo pelo qual os sujeitos entendem e marcam a sua existência no mundo (CAVA, 2015, p. 51 - 52).

Estamos convivendo com as mudanças e transformações, nos adaptando ao novo, assim, estamos fazendo novos tipos de arte, novas maneiras de interpretar as coisas a nossa volta, então nos deparamos com a importância em conhecermos aquilo que foi feito antes da nossa existência, valorizando, apreciando, sendo críticos e partir disso fazer nossas opções identitárias. Desta forma, Buoro destaca que:

Ao desenhar nas paredes das cavernas e fabricar cestarias e cerâmicas, o homem "primitivo" era impulsionado pelas mesmas questões de sobrevivência que motivaram o homem do Renascimento e do século XX. A Arte, então, aparece no mundo humano como forma de organização, como modo de transformar a experiência vivida em objeto de conhecimento que se desvela por meio de sentimentos, percepções e imaginação. Assim, ela abarca um tipo de conhecimento a partir de universos sensíveis e ideias da apreensão humana da realidade (BUORO, 2003, p. 24).

As necessidades humanas de cada período, juntamente aos conhecimentos da época, exigiam dos artistas, criações que atendessem a demanda social, unindo perfeição e apreciação do belo e da arte, mas não basta apenas sabermos que tudo foi feito em prol do belo, precisamos entender que muitas coisas eram uma ambição e necessidade do período e utilizaram a arte para suprir este desejo.

Os períodos da arte, foram marcados pelos padrões e estilos de acordo com os artistas da época. Cada grupo tinha seus ideais e conhecimentos, que unidos formavam a identidade cultural daquele período, com isso foram levados a se construírem enquanto artistas, fazendo parte daquele período histórico.

Na atualidade, contamos com os saberes do dia a dia e os saberes científicos para ampliarmos nossos conhecimentos, e todos os artistas contemporâneos possuem sua identidade, mas ela está em constante transformação, e da mesma forma os professores e alunos também recebem uma carga de informações que possibilitam construir nossa identidade diariamente.

Sobre identidade, contamos com os estudos de Bauman (2005, p. 19), que afirma que “[...] as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta [...]”, somos influenciados pelas pessoas, e em contato com elas modificamos nossas próprias escolhas. Identificar uma obra de arte, conhecer e analisar realmente não é uma tarefa fácil, mas se tivermos a possibilidade de saber sobre ela, reconhecer as características de cada período, já poderemos fazer escolhas sobre o que gostamos ou não, e no que essa escolha pode influenciar na identidade.

De acordo com Hall (2015, p. 24), “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Sendo assim, a identidade é formada durante toda a vida, e está em constante construção.

Tanto na arte, como na construção da identidade, existe o conceito de bens materiais e imateriais, seja aquilo que visualizamos a partir de uma obra de arte, uma visita a um lugar histórico, ou os costumes culturais, musicais, gastronômicos que se entrelaçam na maneira de ser, gostar e afirmam a identidade. Estes aspectos são próprios de cada cultura, tornando lugares, pessoas ou objetos como únicos.

Desta maneira Souza (2016), apresenta em seus estudos que os bens materiais, são os símbolos selecionados para a identificação e preservação das identidades do local, podendo ser os espaços arquitetônicos, as vestimentas ou objetos artísticos e estes espaços constituem a identidade do local. Já os bens imateriais, são expressos a partir do coletivo, e está relacionado às práticas culturais, aos saberes, modos de fazer, costumes e tradições. A principal característica é a capacidade de transmissão, repassadas oralmente de geração para geração.

Sabendo que a arte sempre esteve presente em todas as civilizações, e que muitas vezes aprendemos isso no ambiente escolar, faremos a coligação com as questões pessoais ao científico, momento este em que unimos teoria e prática.

OS CAMINHOS QUE NOS LEVAM A CONHECER A ARTE

O caminho estava muito cheio de gente. Todos iam para o país dos sonhos, e faziam muita confusão e muito ruído ensaiando os sonhos que iam sonhar [...]
(GALEANO, 2015).

Fotografia 1: Museu do Louvre/Galeria - Monalisa



Fonte: Registro a autora, 2017.

Em novembro de 2017, a autora teve a oportunidade de viajar para a Europa, e conhecer alguns lugares que são referência nos estudos de arte, dentre eles, o Museu do Louvre, aquele tão famoso e renomado museu localizado em Paris na França. Foi uma grande realização e embora já tivesse ouvido e visto muitas informações e imagens sobre o local, o momento tornou-se único, com olhares encantados e por vezes perdidos por tantas informações.

Para entrarmos no museu, encontramos filas e assim, a ansiedade tomava conta, fizemos uma etnografia das pessoas, percebemos as diferentes linguagens, vestimentas, nacionalidades, entre outros detalhes que não passavam despercebidos. Os espaços eram grandes, mas estavam sempre lotados, se locomover era difícil. Aos poucos, passamos por várias exposições, a arquitetura era encantadora, as cores, colunas, esculturas, tetos e paredes cobertas de afrescos.

Muitas são as formas de conhecer e compreender o mundo, mas aquilo que vemos é de fato o que nos auxilia a conhecer a construção histórica e que permite chegarmos na sociedade atual. Uma maneira de eternizar aquilo que vemos é a fotografia, e mais, ela serve como instrumento de aprendizado, sendo uma forma de mostrar aos que nunca estiveram no lugar como ele é.

Neste sentido, Pozza (2015, p. 646) argumenta que “fotografar é, acima de tudo ver por meio da câmera um mundo de formas, *a priori*, determinar o que fará parte do objeto estético inserido na obra fotográfica”. Nesse ponto de vista, qualquer coisa pode ser fotografada pois “as possibilidades fotográficas são praticamente inesgotáveis. Tudo o que é fotografável pode ser fotografado” (FLUSSER, 1985, p. 19). Por este motivo, a câmera fotográfica nos acompanhou em todos os lugares, ruas, carros, palácios, rios, igrejas, museus, e em tudo o que nos trouxesse encantamento e emoção de cada vivência naquele lugar foi registrado.

Sabemos que no decorrer da história da arte, os temas religiosos predominaram, principalmente na arte medieval, onde anjos, santos, Madonas, beatos receberam destaque nas capelas e igrejas da época. As cores das pinturas e vestimentas utilizadas pelas imagens, expressam os padrões da sociedade e visão estabelecida pela religião. E dentro do museu foi possível ver muitas destas obras e entender a importância dos registros históricos e mais que isso, estudá-las na escola pública.

Mesmo estudando sobre os períodos da história, seus artistas e obras, foi difícil acreditar que tamanha perfeição e realismo estavam eternizadas nas telas e dispostas no museu. As pinturas do Leonardo da Vinci, por exemplo, para Pessanha (1994), “[...] exige sempre dele uma análise que não se limita, de modo algum, aos caracteres visuais, mas vai ao mais íntimo ou orgânico [...]”. Para tanto era necessária a observação e estudos aprofundados sobre a natureza para aproximar-se do realismo nas pinturas realizadas. Da mesma maneira,

[...] a natureza é considerada objeto de curiosidade mas também de amor – amor que se traduz em pesquisa, pesquisa que é forma de apreço e respeito pelo que se deseja conhecer cada vez mais. Sim, as paisagens que servem de fundo às pinturas renascentistas – mesmo em quadros de Madonas e santos – são a face amorável da divina natureza, lugar de labuta mas também de valorização do humano pelo trabalho criador (PESSANHA, 1994, p. 30).

Para contrapor as obras da Idade Média, alguns artistas criaram uma maneira de interpretar e fazer arte nomeando-as de Renascimento, onde o religioso foi aos poucos sendo substituído por cenas do cotidiano, corpos perfeitos e por vezes nus, o que demandava perfeição nos estudos e realização das obras. Até o século XV era proibido abrir o cadáver humano e utilizá-lo nos estudos da arte e da ciência, mas a partir da autorização estes estudos foram relevantes para novas descobertas e fazeres artísticos.

Com a visita no museu, nas igrejas, ou mesmo ao andar pelas ruas de um lugar histórico que muito ouvimos falar, percebemos a importância de ter adquirido conhecimento e ter sido instigada pelos professores de arte a olhar, contemplar, admirar e sentir os lugares.

Com base nas experiências de vida, e sabendo quanto conhecimento as visitas aos lugares nos proporcionam, nossa intenção enquanto professora na UNATI, era proporcionar que as aulas de arte fossem também fora dos muros escolares, onde os alunos pudessem conhecer e compartilhar seus conhecimentos sobre o lugar onde moravam e lugares que já tinham visitado. Tendo intenção de conhecer o lugar para compreender o mundo.

As aulas ministradas para a turma de 17 alunos da UNATI, aconteciam semanalmente nas terças-feiras das 15h às 17h, sendo estes encontros momentos especiais de troca de conhecimento e compartilhamento de vivências sobre os mais diversos lugares que os alunos conheciam.

Todas as pessoas, em algum momento da vida, fizeram uma viagem ou visitaram um lugar importante e que marcou sua vida. A proposta da aula, foi que cada aluno apresentasse um lugar que visitou, levando imagens, objetos, juntamente com o relato da importância daquele lugar para sua vida e por qual motivo escolheu compartilhar com a turma. Ao final das apresentações, foi possível viajarmos para 17 lugares diferentes sem sair da sala de aula. Mas ao concluirmos essa atividade, percebemos que seria extremamente e importante conhecermos a arte disponível em nosso município, tendo em vista que todos apresentaram um lugar de outra cidade, estado ou país.

Conhecer a história e lugares locais, demarcou um novo olhar para a própria ideia que eles tinham sobre arte, baseada naquilo que aprenderam nas escolas enquanto alunos do ensino fundamental. Foi importante para pensarem nos lugares que eles visitaram, o que eles viram e a relação com a arte que novamente estavam aprendendo durante o curso.

Ao ensinar arte, além de repassar conhecimento produzido por várias civilizações, estamos proporcionando para os alunos o desenvolvimento da criatividade, percepção, observação, sensibilidade e imaginação, sendo uma maneira na qual eles podem se apropriar para expressar seus sentimentos, ideias e pensamentos. Por se tratar de alunos da terceira idade, contar com a ajuda da arte para despertar e estimular a curiosidade foi muito importante e agradável, tendo em vista de que eles ficaram à vontade para compartilhar suas histórias de vida, lembrar dos lugares e viagens que mais identificaram elementos da arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento podemos concluir que a arte tem inúmeros benefícios para nossa vida, ela nos permite conhecer, identificar e criticar aquilo que temos na atualidade. Conhecer sobre a arte é conhecer a história das civilizações, ela sempre esteve de mãos dadas com as inovações e sempre buscou registrar e aperfeiçoar cada momento. A tentativa de relacionar história de vida, experiência profissional e relato da atividade de campo, foi justamente para esclarecer que a arte faz parte da nossa vida e ela ajuda a construir nossa identidade.

A escolha por um grupo de alunos da terceira Idade, demarca que somos eternos aprendizes, mas também a partir da experiência de vida podemos ensinar, assim, foram as aulas com estes alunos, uma troca de conhecimentos, uma oportunidade de viajar o mundo sem sair da sala de aula, o que instigou conhecer mais sobre vários lugares e o desejo de chegar na idade deles tendo a oportunidade de olhar para os lugares e saber identificar e apreciar a arte.

Ao coligar as práticas profissionais ao trabalho de campo com a UNATI, foi de extrema importância descobrir o que os alunos já sabiam sobre arte, quais eram as vivências e lugares que lembravam a arte e suas linguagens. Conhecer essas questões, principalmente em relação de arte espalhada no Brasil e no mundo, certamente foi o ponto de partida para aprendemos a reconhecer as linguagens da arte, bem como os locais em que podem ser encontradas. Esta troca de informações foi primordial para um trabalho que realmente tivesse significado na vida dos alunos e na sua relação com a arte do lugar onde vivem.

Ressaltamos que os espaços não formais e informais também auxiliam e oportunizam conhecimento. Assim, podemos afirmar que os conhecimentos aprendidos na escola, nos ajudam a saber sobre os tipos de arte que existem e quais podemos encontrar nos espaços que frequentamos. Mas ressaltamos que uma simples cópia da Monalisa não possibilita conhecimento, tampouco reflexão e criatividade, então precisamos estar atentos ao novo e as maneiras de ensinar para que possamos compreender a arte e seus períodos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUORO, Anamelia Bueno. Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL, Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em 04/08/2021.

CAVA, Laura Célia Sant'Ana Cabral. **Metodologia do Ensino de Arte** - Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2015.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia** – São Paulo: Hucitec, 1985.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e o educador social atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Vozes para a Lamparina editora. 12ª Edição, 2015.

POZZA, Gustavo Luiz. **A fenomenologia como avaliação estética da fotografia**. *Sapere Aude* – Belo Horizonte, v. 6 – n. 12, p. 643-656, Jul./Dez. 2015 – ISSN: 2177-6342.

PESSANHA, José Américo Motta. **Artepensamento** - Humanismo e Pintura. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

SOUZA, Iuri Aleksander Dias Fernandes de. **Cultura brasileira e interculturalidade**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A., 2016.